



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

24 de Janeiro de 2004 • Ano LX • N.º 1562  
Preço: € 0,30 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## CALVÁRIO

### O Pepe

A comida foi servida. Mãos alheias vão introduzi-la na boca dos que o não podem fazer por si. A tarefa, a cargo dos mais válidos, é uma rotina, alegre e compensadora, muitas vezes feita como quem brinca.

Sento-me ao lado do Pepe para lhe dar também a sua refeição. Tem muitos compassos de espera esta minha ocupação, pois é muito lenta a deglutição deste pequeno.

O «Pincha», como lhe chama o Carlos, vem aos saltos direito ao Pepe. Afaga-o, mas este não se mexe, sorri apenas.

O mundo anda numa azáfama constante. E está diante de mim um ser que contrasta fortemente com o nosso mundo agitado. O Pepe, na sua calma e quietude, convida os homens ao sossego, à tranquilidade. Espera que o cuidem. Não pede. Não reclama. Aguarda, com paciência quase infinita, que tudo lhe façam. É o retrato da paciência de Deus que também espera dos homens momentos para O encontrarem e O servirem.

O Pepe é um mestre sem o saber.

Quando os dias se me tornam mais agitados ou ansiosos, quando a pressão dos acontecimentos é maior, lembro-me do Pepe e conheço então a paz — a paz em que ele vive. Ele nada pede. Espera que descubram os seus desejos, que se coloquem a seu lado.

Mas é isto mesmo que Deus espera também de nós: que descubramos o que tem para nos segredar, o que pretende de nós. É mesmo este o caminho certo que todos temos pela frente no nosso percurso terreno — saber que Deus está à nossa espera, à espera da nossa dádiva, da dádiva da nossa vida.

A presença do Pepe é o retrato de Deus no nosso mundo. Em silêncio Ele aguarda que os homens encontrem o caminho da partilha, da comunhão com os outros e com Ele.

Mas para isso, é preciso sentarmo-nos ao lado do Pepe ou de outros que como ele possuem o dom da paz, para recebermos as ondas que eles emitem, que Deus emite para nós.

O Pepe terminou a refeição. Está reconfortado. E eu também.

Padre Baptista



Os mais pequenos da Casa do Gaiato de Maputo.

## MOÇAMBIQUE

### O Néelson

É um pequenino meigo, de sorriso encantador e inocente do quanto, quem o rodeia está sofrendo com a sua saúde. O pai e a mãe faleceram e ele ficou sempre muito doente. As Irmãs Hospitaleiras aceitaram-no no Centro de Dia e várias vezes conseguiram interná-lo no Hospital Central, mas nunca ficou muito tempo. É difícil para um funcionário ultrapassar a qualidade de profissional mesmo competente e olhar para um doente com outros olhos, com a motivação que nem os livros nem a faculdade ensinam, porque lhes é transcendente. Benditas as Irmãs que dedicam as suas vidas aos doentes nos Hospitais. Elas são um testemunho das reali-

dades invisíveis que revestem o seu ser e o agir e por isso tantas vezes consideradas pelos doentes, como seus Anjos da Guarda.

Num país onde, ainda, abundam as crianças é fácil negligenciar. O Néelson recolhia assim às mãos das Irmãs, de noite ia ficar com alguém de família. Foi crescendo, até que em Maio, veio para a nossa Casa. A rotina do Hospital voltou. Apresentava sintomas de paralisia na mão e no pé. Coisa leve. Chegámos a julgar que era até defeito antigo, pois de nada se queixava.

Quando conseguimos um internamento, com pedido de observação atenta, logo foi dada alta no dia seguinte, porque não tinha nada. Parecia até que ninguém queria pegar no caso, porque era desprezível a queixa. Insistimos para que lhe fosse feito um estudo sério, pois começava também a manifestar certa dificuldade em articular as palavras. Como estivesse em

Continua na página 3

## Notas do Tempo

UMA Companheira de ideal e de entrega ao serviço dos Outros que há muitos anos consome a vida lá na ponta Sul de Portugal, soltava, meses atrás, este grito de consumição: «Somos confrontados quase diariamente com problemas gravíssimos que afectam as crianças. É um lavar de mãos de todos os responsáveis — de modo que o menos que se pode dizer é que é aflitivo!»

Tem esta Casa entre os seus filhos mais jovens, que são 87, três para os quais todos os recursos humanos no sentido de os orientar se têm mostrado infrutíferos. Foi já necessário recorrer ao Tribunal de Menores na expectativa de que se conseguisse instituição alternativa e especializada em comportamentos de risco que lhes pudesse valer, reorientando-os para que no futuro possam vir a ser Homens. Mas... nada ainda se conseguiu!

Compreendemos perfeitamente a dor expressa por esta voz. Várias vezes e ainda recentemente experimentámos dor igual, conforme Padre Acílio denunciou. No Algarve, como no Entre Douro e Minho, a filosofia é a mesma: Gastam-se as munições em «tiro ao alvo» e não as há para os «combates» reais a travar. Um deles é este, da onda de violência em que a sociedade envolve e deixa envolver-se tantos jovens e cujo resultado (volto ao texto citado) é: «Toda a casta de disparates apenas acarretam admoestação por parte de quem de direito, à qual ficam totalmente imunes ("ficam-se nas tintas" — diria eu em linguagem terra-a-terra). E assim vai correndo o tempo e vão crescendo sem rei nem roque, viciando-se no vale tudo sem barreiras nem regras, porque nada a isso os obriga».

Antes de ser promulgada a nova lei sobre menores em risco, eu assisti a um encontro de apresentação e discussão promovido em Vila Real e vim satisfeito porque me pareceu haver na base uma distinção verdadeiramente fundamental: — menores já implicados em delinquência ou em risco próximo dela; — e os outros cujas carências enraizadas em disfunções sociais, geralmente das famílias de origem.

Continua na página 3

## MOMENTOS

### Ano Novo

O Ano Novo é o tempo de alguns rapazes, com estrutura familiar, irem a casa.

Passar o Ano Novo é um sonho que lhes brilha na alma logo que começam a aparecer os sinais do Natal.

Ora com a mãe, ou o pai, a avó, o tio ou os padrinhos — alguém com aconchego afectivo.

Se há gente com apetite familiar aguçado, ninguém como os nossos. Se o cego anseia pela vista, o rapaz da rua aspira pela família.

Esta, embora para muitos seja uma realidade utópica, está-lhes impressa no recôndito da natureza de tal modo, que o seu desapare-

cimento não apaga esta marca natural — antes a aviva.

A família é também um sonho e, quase sempre, uma ilusão. Passar com ela quatro ou cinco dias e até mesmo umas férias, não lhes transmite o sentido real nem da vida familiar nem da relação exacta das pessoas.

Estes contactos, embora tragam alguns benefícios se as pessoas são equilibradas, tornam-se muitas vezes prejudiciais porque as emoções novas do encontro não chegam a amadurecer.

O sonho irreal, o equívoco da família, não conseguem desvanecer-se com a realidade e a ilusão permanece, numa inquietude íntima

desestabilizadora, sobretudo se o rapaz é criança ou adolescente.

Os mais equilibrados, em nossas Casas, são sempre os que têm menos família ou sofrem em menor grau a sua influência.

Isto não é teoria nem apologética, é a verdade nua e crua constatada pelos padres da Obra, em toda a sua história com a experiência educativa de muitas gerações ao longo de mais de seis décadas.

Este Ano Novo feriu-nos cedo, com duas horríveis lancetadas.

Estamos habituados à dor!...

Sabemos da sua necessidade e ditame, mas, quando ela surge, é todavia surpreendente e nova.

Sem ordens, fugidos, saíram às 6.30 da manhã dois lisboetas de quinze e treze anos.

Há mais de um mês que a sua instabilidade me angustiava: — aéreos e irresponsáveis, refilões e desleixados amarguravam-me a

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**CASAS PARA POBRES**  
— Desde muito novo, procuramos servir os mais Pobres nos domínios do problema da habitação.

Foi sempre um caso que nos preocupou, seriamente. Tanto que Pai Américo decidiu, naquele tempo, na década de cinquenta, ao ver, com os seus olhos, as miseráveis condições de muitos Pobres, no caso específico de Paço de Sousa, e *barredos* nas grandes cidades, lançar o Património dos Pobres, motivando, deste modo, o Povo português.

Entretanto, quando fomos a Moçambique, em 1953, onde ele trabalhou, levou no coração esta mensagem que lhe saiu do peito, do seu coração. Mensagem que já tinha concretizado aqui mesmo, em Paço de Sousa, ao ver Pobres a viver sabe Deus como.

E, por lá, na África portu-

guesa, disse o que naquele tempo ninguém diria...

Curiosamente, lembrou a quem oferecesse o valor de *uma casa*, mandar fazer lápides com o nome ou nomes de quem abriu as suas bolsas, gente pobre e importantes empresas ou departamentos estatais que davam trabalho aos nossos compatriotas.

O Património dos Pobres foi uma *coisa nova* que entrou na alma de toda a gente!

**PARTILHA** — Assinante 1121, de V. N. de Gaia, manda 50 euros e *«boas festas e um ano cheio de saúde, das maiores bênçãos do Menino Deus, de Amor e muita Paz, votos — como diz e muito bem — da vossa 'velha amiga'»*. Agradecemos. E Deus a proteja, também.

Outros 50 ditos, *«pequena colaboração para a vossa Conferência»*, pela mão do assinante 4993, de Salreu (Estarreja).

S. Mamede de Infesta, dez euros, do assinante 21409, *«com um abraço»* que retribuimos.

Vinte e cinco euros do assinante 53241, do Luso, *«correspondentes à nossa contribuição relativa ao mês de Dezembro»*.

Cem euros, da assinante 20174, de Coimbra, berço da Obra da Rua. *«Não é necessário confirmarem»*, diz na carta.

40 euros, de Lourdes, de Cacán, com *«uma pequena migalhinha»* e saudações do tempo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**BESSA SEC. XXI** — Fomos convidados para a inauguração do estádio do Boavista. Esperamos que o sr. Pinto da Costa ou Reinaldo Teles se lembrem de nós. E nos convidem a ir ver alguns jogos ao estádio do Dragão. Obrigado.

**ANO NOVO** — Chegámos a mais um ano novo. Uns foram passá-lo a suas casas e outros passaram-no cá. Esperamos que os nossos Leitores tenham passado umas boas festas.

**ESCOLA** — Já começaram e os rapazes parecem mais pre-

parados do que nunca para passarem de ano. Houve quem tivesse sete e oito negativas, mas é de crer que decidam levantar as notas.

**CAPOEIRA** — Sempre cuidada com a ajuda do Paulo, as galinhas e os patos estão cada vez mais gordos; que se cuidem, pois temos o forno à espera...

**VACARIA** — Tem melhorado muito, isto é, as vacas estão melhores. Com a ajuda do Máurio, do Rúben e do «Lampião» o «Meno» mete tudo nos eixos...

Rolando Filipe

**DESPORTO** — Todos os jogos de futebol são, para nós, algo apetecível! No entanto, aqueles que se disputam entre Gaiatos, como o que se realizou no dia 28 de Dezembro, com Rapazes que já não fazem a sua vida normal cá em Casa, contra a nossa equipa Sénior, são muito importantes para reencontrar muitos deles que, pelos afazeres do dia-a-dia, não se podem deslocar com tanta frequência à Aldeia que os viu crescer. Eu próprio adorei ver, sobretudo dois: um, porque não o via desde que daqui saiu; outro, porque gostava de o ver jogar, dizia até, que era o meu ídolo, e vem cá de longe a longe.

Mas falando um pouco do desafio, tudo correu bem. Não houve aquelas «picardias» que normalmente há nestes jogos, o que já é uma grande vitória para as duas equipas, apesar da nossa equipa Sénior ter ganho por 4-3. Não foi fácil!... Os antigos marcaram primeiro, e por sinal um grande golo, por intermédio de «Palhaço». Pouco depois, foi reposta a igualdade com um golo de belo efeito que o Hugo também concretizou. Marcaram ainda pelos antigos: «Balão» e Chico; pela nossa equipa Sénior: Daniel, Abílio e Agostinho. Tudo muito bem, com um senão: muitos árbitros dentro do campo, e um só vestido a rigor, com poderes para decidir. É mau... e dá mau aspecto!... Dá ideia que controlamos o homem do apito!...

Espero que encontros como este se façam muito mais vezes. E então ao Domingo de tarde (!), faz recordar velhos tempos em que os jogos da equipa principal desta Casa, eram sempre realizados aos Domingos de tarde! Que tempos! Eu sei que nos dias de hoje não é fácil, e, eu que o diga!...

Os Iniciados receberam a A. C. D. B. de Falcão, a quem ganharam apesar de não ter sido fácil, sobretudo na segunda metade do jogo. No entanto, como toda a equipa estava bastante inspirada, tudo acabou em bem, com um grande golo do Licínio; três do Abílio; três do Rolando, que continua a não deixar os seus créditos por mãos alheias; dois do «Carlos Pote» que também esteve em grande e um do «Bolinhas», que apesar de ter estado bem, parece preci-

sar de se assentar no banco... para perder a importância que está a ganhar, e não virar as costas às jogadas e aos colegas, quando não é servido pelos mesmos da melhor maneira. A humildade, parece estar cada vez mais cara!...

Alberto («Resende»)

## LAR DO PORTO

### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Senhor, presente em Teu Nome, somos Teus filhos, por isso ajuda-nos nesta caminhada de amor ao Próximo, embora dispersos por este mundo tão materialista. Neste mundo em que o homem se atropela em busca de chegar mais rápido à meta materialista.

Vós, Senhor, sois o valor garantido de nós, vicentinos, poderemos levar ao nosso irmão mais carenciado uma palavra de conforto e amor para os seus problemas que, infelizmente, são muitos, para que eles possam levar a sua vida o mais humanamente possível. Mas, com fé no Pai Celeste. Por isso, vos pedimos, Senhor, ensinai-nos o caminho da unidade. O homem aboliu as distâncias entre os planetas, mas, ainda, ninguém conseguiu abolir a distância que separa um coração de outro coração.

Assim, Senhor, vós estais sempre esperando que nos reunamos em Vosso Nome, mas, Senhor, são tão poucos aqueles que em nome do irmão mais carenciado se arriscam a dar esse passo!

Nas reuniões de Conferências a que temos estado presentes, luta-se com a falta de vicentinos. Por isso, pedimos a luz Divina para que apareçam mais dispostos a partilhar o seu amor e carinho com aqueles que se sentem enfraquecidos.

Em relação à nossa Conferência, temos dois confrades adoentados. Precisamos de mão-de-obra. Mais uma vez apelamos aos casais gaiatos, que são muitos, a viver no Porto, Maia, Ermesinde e Matosinhos, que se juntem a nós. O *salário* que ganhamos é o saber partilhar um pouco do nosso tempo, dedicando-nos aos outros que mais precisam, e as lições que tiramos. Sabemos que não é fácil ser vicentino e lidar com os Pobres, porque os vícios são muitos e as artimanhas que eles orquestram para que as pessoas tenham pena deles... Mas, temos que ser cuidadosos e saber ajudar sem magoar. Temos de saber ouvir o Pobre e tentar ajudá-lo, mas nunca despezá-lo.

Os irmãos carenciados a quem prestamos apoio neste momento, sentem-nos como uma família. Também já estão conosco há muitos anos. Uns, dão-nos alegrias; outros, tristezas, mas lá vão levantando e levando o seu harco.

Neste momento existem

muitos apelos de socorro a outros países que têm sido massacrados por guerras e abalos sísmicos, que têm deixado muitas famílias flageladas pela dor. Entendemos que também devemos partilhar com eles, mas não esqueçamos que dentro do nosso País também temos muitas famílias a precisarem de nós. Sejamos justos e saibamos partilhar dentro das possibilidades de cada um.

**RECEBEMOS** — Amiga Marcelina, 50 euros; assinante 71292 com a sua oferta; assinante 6313, cá chegou o seu donativo; assinante 11282, um cheque; assinante 3119, cheque; assinante 22890, o seu donativo; M. P. Ferreira, 10 euros; entrega no Lar do Porto, de Judite Alves, o seu donativo; vale do correio, 50 euros, de M. Marques; Joaquim N. Silva, vale de 25 euros; assinante 33275, o seu cheque; Amiga do Lar de Santo António, Penafiel, 5 euros; Amiga M. Emília, donativo de 15 euros; Fiães, o cheque habitual.

Todos os nossos Amigos nos dão força para o trabalho, e é dessa força que nós precisamos porque sem a vossa ajuda e apoio o nosso trabalho seria infrutífero, porque além do apoio moral que lhes damos eles também precisam de apoio material.

Desejamos a todos os nossos Amigos bom ano, cheio de saúde, Paz e Amor.

Casal vicentino

## ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

**NATAL** — No passado dia 21 de Dezembro, na nossa sede, fizemos a Festa de Natal. Foi um dia bem passado. As crianças foram o nosso propósito. Os artistas, fenomenais. Tudo lindo, um dia «à maneira». O nosso Padre Júlio deu-nos a mensagem de Natal. Falou da sociedade que temos, que vive em pecado. Invocou Padre Américo, que era um homem com «sede de Justiça», que devemos procurar a Justiça de Deus.

O Natal é um dia muito especial para os cristãos, mesmo aqueles que se dizem ateus o vivem. É um dia que simboliza a Paz, uma palavra cheia de magia. Como sabemos, esta palavra mágica só se completa com uma outra de valor mágico superior: o Amor. Sem Amor não há Paz, e Felicidade. Pois Jesus veio por nós com Amor. Cabe a cada um de nós respeitar o Próximo, mesmo sendo nosso inimigo, dando um sorriso. Que difícil!

Desejamos a todos os Leitores e Amigos desta Obra, que dois mil e quatro seja um ano de reconciliação, Paz e Amor.

César Amante



O espírito é que dá a vida...

## SETÚBAL

**HORTA** — Já começámos a colheita do nabo e do repolho que o «Jarreta» e o Mário vão arrancar para o nosso dia-a-dia. Para preparar o nabo, este tem de ser bem lavado, cortam-se as folhas que se aproveitam para a sopa, descasca-se o nabo que depois é cortado às fatias. O repolho é cortado aos bocadinhos, e mete-se dentro de uma pia para ser lavado.

**LARANJA** — Os rapazes, em qualquer hora, comem laranjas porque são doces e boas. O chão fica cheio de cas-

cas, no meio dos canteiros, nas ruas, na vacaria, no campo da bola, no parque, às vezes até *amandam* laranjas na brincadeira uns aos outros, o que não se deve fazer porque um dia mais tarde poderão precisar e não ter. Há tantas pessoas no mundo que querem uma laranja, e não têm!

**BOMBAS** — Um grupo dos nossos rapazes decidiu ir arre-bentar bombas no Ano Novo. O Ivanoel foi buscar prata à dispensa; o Guedes foi buscar o ácido à vacaria; o Rodrigo, o Tiago, o Rodrigo «Troço», o Fábio Afonso e o «Drácula» foram buscar garrafas; o «Rato» e o «André» iam fazendo bolinhas e metendo-as dentro das garrafas. Depois de as agi-

tarem mandavam-nas para longe deles e elas rebentavam. Isto fez com que ficassem todos castigados, os maiores na copa e os mais pequenos no refeitório, porque além de estragarem as coisas é perigoso fazer bombas.

**CASA** — Os nossos rapazes já começaram a fazer a ligação da água e da electricidade para a casa do sr. João. O Fernando andou a abrir uma vala do furo novo até lá. O «Lota», o «Jarreta» e o «Cowboy», foram esticando o tubo para a água lá chegar. O Daniel e o «Rato», andaram a ligar os cabos eléctricos. Vamos emprestar esta casa durante algum tempo, a uma família pobre.

João Paulo

# Momentos

Continuação da página 1

alma, mas não me faziam adivinhar tal desfecho.

A gente fica atordoado!...

Por mais que soframos as dores são sempre diferentes. É que cada um deles é uma dor distinta. Entra-nos no coração e, depois, arrasa-nos! Nem comer, nem trabalhar, nem dormir. É um mal-estar inexplicável!

Agarrei os processos deles — um já tinha andado fugido, em Lisboa, 18 meses — e fui à GNR de Paço de Sousa falar com o Comandante. Ainda podíamos interceptá-los no comboio, ou mesmo apanhá-los na estação, em Lisboa, ansiava eu.

Mas as coisas não funcionam assim. Há leis e procedimentos a cumprir.

Os espírito dos legalistas é sempre o mesmo, daí a observação de Pai Américo: «Tudo o que é Estado é episódico».

«Se o teu boi ou o teu burro cair num poço, mesmo ao Sábado», não olhas à lei. Vais lá tirá-lo.

Se for o do teu vizinho, pode passar para segunda-feira.

O procedimento de um legalista é diametralmente oposto se desaparecer o seu filho. Todos nós sabemos. Foi sempre assim e as coisas não melhoraram.

Lá fiz a exposição escrita, a ser enviada ao Tribunal para posteriores evoluções legais.

Quanto isto demora? E qual a eficácia?

A nossa experiência é derrotista.

Ludibriei os processos.

Tinha de ser. Não aguentava a dor. Quanto assim é buscamos todos os meios.

A avó do mais velho é uma pessoa sensata. Peguei na cópia da exposição, narrei-lhe o sucedido, sugeri-lhe o modo a proceder e mandei-lhe tudo em correio azul.

A resolução foi rápida. Com a autoridade da área, a PSP, a avó trouxe o neto, antes do começo das aulas deste segundo período e paguei-lhe as viagens.

Com o outro a situação era mais complicada.

A mãe, um pouco débil de mente, é pessoa imatura apesar da idade. Mas eu tinha cá um irmão a passar férias com ele. Como o seu Colégio, semi-oficial, fechara durante as férias e ele não tinha com quem passar as Festas, pediram-me se podia vivê-las com o irmão.

O menino tem onze anos. É muito simples.

— Ò Tiago, sabes aonde é a tua casa? Se eu te levar lá, conheces a rua? Vais ver a tua mãe!

Respondendo afirmativamente às duas perguntas, abriu-me o caminho. Peço à GNR de Paço de Sousa que se ponha em contacto com a de Rio de Mouro. E eu ponho-me a caminho. Mesmo saindo à tarde, fomos e viemos no mesmo dia.

A dor transmite muita genica!...

Chocou-me muito a mãe a chorar! Queria os filhos junto dela!

A Natureza tem muita força!

Também eu, interiormente, derramei lágrimas de indizível comunhão com ela: A sua incapacidade psicológica, a imaturidade, a viuvez, a pobreza e sobretudo o tecnicismo da organização social que tem em vista os processos e põe de fora as pessoas! Vive no primeiro esquerdo de um prédio de oito andares. A casa é própria. Ficou com ela pela morte do marido. Há mais de um ano que lhe cortaram a água e a luz. Além da pensão reduzida não tem mais nada.

A assistente social foi lá. Fez um relatório. Nele acusa-a do corte da luz e da água, mas..., nada.

O que é uma casa em zona urbana sem luz e sem água? Sim, o que é?!

E a senhora doutora assistente social não poderia ter resolvido o problema? Naturalmente não era sua função.

Por telefone, pedi ao Padre Cristóvão que fosse lá ou mandasse pagar tudo para que a pobre tenha água e luz.

Sim, que os padres da rua têm todas as funções e entram nas mais vastas áreas.

A Caridade não tem fronteiras.

Que animasse aquela mãe, a convencesse da própria incapacidade de educar os filhos, a enchesse de esperança que eles voltariam para junto dela logo que se fizessem homens!

Que a consolasse!...

Estamos para fazer o que oficialmente ninguém pratica.

Quando esta sociedade nos dispensar, por desnecessários, cantaremos vitória!

Atacam-nos para poderem, à vontade, devorar os Pobres. Não temos medo!

Padre Acílio

# Notas do Tempo

Continuação da página 1

Dos primeiros se encarregaria o Ministério da Justiça em seus estabelecimentos onde a tônica seria, certamente, medicinal e não punitiva. Mas, também certamente, com uma pedagogia de austeridade adequada.

Os segundos seriam aqueles a quem o ainda assim vasto leque de IPSS, esgotadas outras soluções de âmbito mais próximo da Família, dariam resposta.

Eu queixo-me muitas vezes da minha dificuldade de entendimento da *literatura* jurídica, para mim um *puzzle* complicado. Se calhar foi o que aconteceu mais uma vez: Vim satisfeito de Vila Real pensando num *separar de águas* facilitante... porque não percebi.

É que, em verdade, depois da lei, a confusão de campos é tremenda e nunca se viu tanto a intromissão da Justiça nos casos que têm a ver, sim, com a Justiça Social, que não é propriamente o pelouro daquela. Os maus efeitos desta mistura de competências são inúmeros. Mas não vou dar outro exemplo senão aquele que consta da queixa dolorida proferida no Algarve e que venho citando: «Entretanto (enquanto os três moços referidos andam pela rua, sem solução do Tribunal de Menores) mantém-se na Instituição a reserva de lugar que eles deveriam ocupar e não pode a mesma receber, como era seu desejo, dois órfãos de pai e mãe, sem guarida, bem comportados, bons estudantes, porque recebê-los seria, segundo a visão buro-

crática de quem manda, excedentário para o acordo estabelecido para a respectiva valência!

Onde está a justiça? Onde mora a consciência?»

Estas interrogações dramáticas, mas pertinentes neste mundo desgovernado que é o nosso, trazem-me à memória a voz saudosíssima de João Villaret declamando um poema, em que no lugar da Musa inspiradora do poeta, eu poria o Bom Senso:

«Onde moras? Onde moras?»

Se eu soubesse onde tu moras.  
Daria todas as horas,  
As minhas últimas horas,  
Diante da tua porta  
Olhando a tua janela  
... Só por saber onde moras.

Onde moras? Onde moras?»

Padre Carlos

# Moçambique

Continuação da página 1

teste o aparelho de TAC, um Médico resolveu submetê-lo e logo foi descoberta uma massa estranha no cérebro. Em novo exame com contraste, veio a confirmar-se que havia algo de grave.

Curioso como logo sabiam quanto custava na África do Sul uma ressonância magnética e uma cirurgia, que deviam ser necessárias. Quase trinta mil dólares. O fascínio do dinheiro é terrível. Enquanto esteve em causa só a atenção devida a uma criança, a indiferença. Falando-se de dinheiro, os números ganham vida e emerge, como numa erupção vulcânica, a força do vil metal, reduzindo a pó todo o valor da pessoa do pequenino, e queimando as entranhas do coração de quem, no caso da nossa Maria José, andava há meses a suplicar a atenção dos profissionais da saúde.

Com a intervenção imediata do Embaixador de Portugal e do Cônsul Geral, logo foi possível enviá-lo a Lisboa. A despedida no aeroporto ia sendo dramática, porque o Nelson não queria largar o colo da Blanca e ela teve de o levar à porta do avião. Está na Santa Maria. Os exames urgentes, revelaram um tumor cerebral numa área não operável. O

nosso Padre Cristóvão, do Tojal, a filha da D. Carmen, que está connosco, a D. Patrícia, de Lisboa, a Margarida, de Aveiras de Cima, que tem lá o Vasco, em vias de cura, têm-se desdobrado em atenções para com o pequenino, que é tão cativante, no seu sorriso inocente, e os médicos estão tão animados que vão fazer-lhe dois meses de tratamento de

rádio, para tentar o melhor, embora sem muita esperança.

Dá para dizer que o inocente é uma pedra de contraste. E é tanto o amor que lhe manifesta quem o visita e quem o trata, que ainda que o não cure, está a ser para já, o melhor remédio. E ninguém que lá vai, dá o tempo por perdido. Dizia o Padre Cristóvão: «Na véspera de Natal estive meia hora, só a brincar com ele». Deus vê através daqueles olhos e brinca com quem brinca com os pequeninos.

Padre José Maria

## Uma carta

«Mais uma vez, leitora apaixonada do 'Famoso', venho marcar presença amigável com esta modesta quantia como donativo e pagamento d'O GAIATO.

Leio todos os artigos com um misto de alegria e esperança que fortalecem a minha fé. Mas, às vezes, com tristeza e revolta. Assim aconteceu com o artigo

'Impotência' que, mais uma vez, põe frente a frente o calor humano e espiritual de uma Obra fundada sobre alicerces cristãos, servida por gente dedicada cuja única recompensa é a Vida Eterna, e a frieza do técnico, tantas vezes arrogante, das instituições oficiais servidas pelas tais 'técnicas' que só sabem utilizar a cabeça (e até às vezes mal...), e raramente o coração. Realmente só pela Fé, seguindo o ensi-

namento do Mestre amado que nos manda pegar no arado e não olhar para trás, é impossível continuar a lutar no meio de tanta decepção e incompreensão. Rogo ao Pai do Céu que vos dê forças físicas e espirituais para continuardes o vosso labor, sem desanimar, com uma coragem fortalecida nas três grandes virtudes cristãs: Fé, Esperança e Caridade.

Assinante 47518»

## DOCTRINA



«Não posso ficar em palavras...»

**M**AIS a costumada caixa de sardinhas, de gente amiga, da praia de Matosinhos. Foram por ela à estação de Cête, num carro de mão, o «Rio Tinto» mai-lo Fernando, de Freixo de Numão. Como o ex-fugitivo «Sapegato» regressou a Casa, tomou já o antigo posto de fazer merendas na cozinha do forno; e é ele quem as prepara na sertã, sobre a trempe que o Luciano fez, ao lume de uma enorme fogueira, mexidas e remexidas com dois gadanhos de ferro, comidas com boroa que o Sérgio faz e regadas com vinho que todos fizeram.

**O**H merendas deliciosas, convívio fraternal, às quais poderia assistir Francisco de Assis; pois que há hora marcada e por causa das migalhas que os rapazes fazem, aparecem os porcos e as galinhas e os pombos e os gatos e os perus a merendar! Vai daqui da nossa Aldeia um aperto de mão a escaldar, para o dono da traineira. Boa sorte, meu senhor!

**M**AIS 2.466\$50 que vem a ser o troco de certa factura que devia entrar nas algibeiras do seu legítimo dono — um industrial do Norte — e entrou, por sua vontade, nas minhas. Mais uma ceira de figos do Algarve, de alguém daquela província. Não há dinheiro que pague um presente destes por causa da oportunidade das nossas merendas. Mais uma caixinha com ouro e prata. Vem vindo por gotas estes metais preciosos, para os objectos do culto da nossa Capela. Respondendo à sua pergunta, não me consta que a prata antiga, que diz ter aí para me enviar, não dê boa liga; não me consta. Faça como quiser. Mais no rápido, uma nota de 100\$00 «de uma dívida». São dívidas de consciência. Mais um «venha daí almoçar comigo e tome lá 100\$00».

**Q**UIS a minha boa estrela que se viesse sentar ao pé de mim, no rápido, um industrial do Norte, estrangeiro. Falou-se muito da sorte das crianças da rua e da miséria da nossa terra. Ele era um senhor muito jovem, de grandes responsabilidades, amigo da Justiça. A semelhança de alguns outros que eu conheço, muito antes de aparecer a lei dos salários mínimos, já ele dava os máximos ao seu pessoal.

**E**STÁVAMOS perto de Coimbra. Eu ficava e ele seguia. Rapou de um cartão para eu ficar a saber quem ele era e a seguir disse-me ele mesmo quem era e quanto valia: — Olhe; gostei muito de ouvir a orientação das Casas do Gaiato; tanto, que não posso ficar em palavras. Tome lá! Abri. Era um monte de notas!

*Padre Acílio*

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

## ENCONTROS EM LISBOA

## Temos uma personalidade própria

**N**INGUÉM tenha dúvidas de que o melhor meio e o mais natural para o crescimento de uma criança é a família. Todas as obras nascidas ao longo dos tempos para acolher crianças e jovens, são criações sociais procurando remediar uma falha que é precisamente a falha da família. As instituições aparecem para remediar um mal maior que é o deixar crescer uma criança ou um jovem à toa, entregue à rua, sem ninguém para lhe indicar o caminho, o amparar, o encorajar e o amar... Ninguém pense que estas entidades nasceram para retirar os filhos aos pais. Todos os fundadores se viram pressionados pela sua sensibilidade ao problema e movidos a encontrar soluções, dado que uma criança a crescer sem ninguém por perto, dificilmente encontra o rumo certo para uma vida feliz na sociedade. Essa pressão é mais sentida nos meios urbanos e nos bairros degradados, onde as famílias disfuncionais povoam o espaço. Antigamente, em meios rurais, a comunidade podia assumir, de alguma maneira, as carências familiares porque havia sempre um vizinho ou um parente capaz de aparecer como substituto.

As instituições têm a sua marca temporal e a marca da inspiração do seu fundador, com mais ou menos capacidade para se adaptarem aos tempos. Neste mês, em que a Obra da Rua completa 64 anos, constituiu para mim um momento de

reflexão sobre alguns princípios orientadores e a sua adaptabilidade ao tempo, nomeadamente estes: *porta sempre aberta; obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes; não se pense fazer homens livres de rapazes domados; somos a família*. Cheguei à conclusão que estes e outros princípios que nos orientam, são detentores de uma enorme adaptabilidade aos tempos...

Na saga anti-instituição actualmente em curso, detenho-me muitas vezes a pensar no estado em que alguns miúdos nos chegam... São crianças velhas que passaram e experimentaram tudo. Não foi a Casa do Gaiato que assim os pôs. A Casa do Gaiato procura remediar o melhor que pode e sabe. Acontece, porém, que para alguns, foi demasiado tardia a intervenção.

Pai Américo diria que valia a pena a Obra da Rua existir nem que fosse para salvar uma criança. Felizmente são muitas mais as que se salvam.

Se se fizer um estudo da delinquência juvenil, será fácil verificar como é reduzido o número daqueles que passaram pelas nossas Casas, comparativamente ao número daqueles que andaram nas malhas da Segurança Social, das Emergências, Centros de acolhimento temporário, dos relatórios escolares, das experiências de «outras» soluções aqui e ali, sem que tenha sido dado um rumo ou um acolhimento cre-

dível, em qualquer sítio. Os problemas foram sendo adiados e a criança e o jovem foram crescendo ao deus dará, entregues a si mesmos ou a uns restos mal estruturados das suas famílias, quando não são cobaias de experiências para ver o que vai dar, de um lado para o outro, sem ninguém a assumir responsabilidades. Ainda esta semana me chegou um rapaz com doze anos e meio que já experimentou mudança de três escolas e uma instituição.

As Casas do Gaiato não são colégio para gente equilibrada e amparada. Quem chega é gente com profundos desequilíbrios e profundas marcas que só o tempo e todo o conjunto de estratégias pedagógicas poderá ajudar a ultrapassar.

A ferocidade concertada com que, neste momento, se olha para nós, que temos consciência de que procuramos ser remédio, não a doença, deveria encontrar o caminho certo, atacar as origens que criam estas crianças e jovens que nos são confiadas e muitas das que temos que recusar por falta de vagas. Deveriam olhar para as degradações de vida de onde muitas vieram sem que ninguém se interessasse. Quem mais prega tem obrigação de ir aos *guetos* sociais de onde vêm estas crianças e jovens e fazer justiça, não retirar oportunidades, diminuir proventos ou tirar o direito a ter emprego ou casa. A miséria existe e ninguém a ataca.

Não estamos na linha dos louvores. Também a prática nos leva a dispensar sentenças de quem nunca trabalhou conosco, não nos conhece nem nos quer entender. Temos uma personalidade própria e queremos mantê-la pelos frutos que tem dado. Precisamos de todos aqueles que, de boa vontade, sentem o problema das crianças e jovens e querem ajudar a superar as dificuldades.

Padre Manuel Cristóvão

## BENGUELA

## Rapazes novos

**E**STAMOS no princípio do ano. Novos nascimentos estão à porta em nossa Casa do Gaiato. Uma ou outra vaga que vai surgindo é preenchida no início de cada ano. O novo ano lectivo está prestes a começar. O anúncio das matrículas corre por todos os lados.

As centenas de milhar de crianças sem possibilidade de frequentar a escola são um agulhão que muito nos fere. Não aceitamos tréguas. Tudo faremos para dar aos filhos que nos foram confiados os meios necessários para subir na vida. É a porção que mais energia nos consome. Sabemos, contudo, que uma das pedras fundamentais do alicerce do grande edifício que é a nação angolana está na escola. São algumas centenas de crianças a beneficiar da escolaridade em nossa Casa.

É interessante ver os pais, sobretudo as mães, com a

grande preocupação de mandar os filhos à escola. Falo das mães, porque foram as mais prejudicadas, devido a alguns preconceitos, no seu tempo de meninas. Agora, tomam a dianteira, no ambiente em que vivemos. Quem dera pudéssemos fazer ainda mais! Como noutras vertentes da vida também aqui estamos diante duma montanha de problemas para ajudarmos a subir e a resolver.

Falei de novos nascimentos em nossa Casa do Gaiato. São nove os que estão à vista. Quando estas notas chegarem às vossas mãos, mais nove filhos viram a luz do dia em nossa Casa. É um parto de muitos filhos ao mesmo tempo. Concordo. Aceitámos e acolhemos esta maravilha com algum temor, diante da tremenda responsabilidade de continuar a gerá-los até serem homens capazes de caminhar pelos seus próprios meios. Dar-vos-ei conta da

história de cada um. Não são apenas os meus braços, juntamente com aqueles que entraram na mesma aventura de dar a vida para que outros tenham vida. Sois vós, também, que caminhais conosco e ajudais estas crianças a caminhar e a crescer.

O lugar natural dos filhos é a casa dos pais. Aí devem crescer, crescer até voarem com a sua autonomia. Não acontece assim, por desgraça, com tantos e tantos que não sabem o que é a família! O coração da criança tem necessidade do amor do pai e da mãe. Pode não ter o pai e a mãe. Mas não perde o gosto de os ter. Por isso, são abençoados e abençoadas aqueles e aquelas que ouvem o seu clamor.

Admiro o heroísmo das mulheres que conheço por darem o seu peito às crianças que perderam a sua família na guerra. Com um rancho de filhos à sua volta, há sempre lugar para mais, ainda

que não levem o seu sangue. Que grandeza de mulheres! No passado Domingo, encontrei-me com uma delas, ainda jovem, que juntou aos seus quatro filhos mais três, cujo pai morrera alguns dias antes. Não os recebemos em nossa Casa. Não são nossos porque foram assumidos antes, e de que maneira!, por aquela mãe extraordinária. É nosso princípio ajudá-los com tudo o que pudermos. Estão na primeira linha do nosso apoio aos de fora da Casa. A escola é a prioridade, depois da comida. Os cuidados de saúde acompanham. A propósito, estou impressionado com a mulher que, ontem, foi com seu filho na nossa carrinha, de urgência, para o hospital. Enquanto há vida há esperança, diz-se. Só por isso é que foi ao hospital, porque a vi quase morta ao colo da mãe.

A nossa vida também é assim, sempre de mãos dadas, bem juntas às vossas, com a vida da nossa gente. Deixemos a teoria e vamos para a lavra.

Antes da despedida, quero agradecer as cartas cheias de amizade que nos enviastes.

Padre Manuel António

## TRIBUNA DE COIMBRA

## Quadra festiva do Natal

**T**ROUXE até nós uma enorme quantidade e variedade de gestos de partilha e de amor. Cartas belas, escritas a ouro e seladas com o coração. Quiséramos transcrever o que em cada uma diz de nós, das crianças, dos rapazes e dos Pobres para quem a Obra da Rua é segurança e protecção. Não é possível, não importa também; Deus sabe e conhece melhor que ninguém.

De joelhos diante do Filho do Altíssimo, Deus feito Menino como nós e por nossa causa, nos curvamos e, como as riquezas trazidas pelos Magos, colocamos todos e cada um daqueles que fizeram da Obra da Rua, neste Natal, a sua Gruta de Belém.

Cheques vindos de todos os lados, com chancela dos mais diversos Bancos. Eles, de cinco e de dez euros. Muitos de vinte e de cinquenta, de cem e até quinhentos. «Por uma ofensa...», dizia um deles a evocar o verdadeiro espírito do Natal. Era um de 1.500..., de Coimbra. Bendito seja Deus! Depois, tanto arroz, tanta fartura dele, num ano em que a ONU lhe consagra especial destaque por andar mal distribuído... Faz-nos pensar! Nós também ajudamos os nossos a pensar e a saber apreciar e a distribuir. Mimos para os mais pequeninos e prendas variadas para os mais velhos. Todos tiveram o seu saco de prendas na noite de Natal. Boroínhas de Natal, caseiras: vieram trazê-las de propósito, da Mealhada, com uns «dizeres» tão sublimes: «Em Nome do Senhor Jesus!» Obrigado Amigos, é assim que se sente o verdadeiro Natal. Jesus vos salve!

Respondendo ao apelo do que mais precisamos: guardanapos, enlatados, detergentes, sabão, vassouras, esfregonas, óleo, azeite, manteiga, marmelada, bolo-rei e, não podia faltar, o bacalhau para a noite da consuada — que veio dos habitantes amigos de Figueiró e de Ourém. Por aqui nos ficamos que seria muito maior a romaria.

Foi nesta maré que tivemos o privilégio de assistir ao lançamento de mais um livro sobre a vida e Obra do Padre Américo. Uma obra da autoria de um grande amigo e admirador do Padre Américo, o Doutor Ernesto Candéias, da Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Lá estivemos. Estava um dia frio e chuvoso. Havia muitas festas de Natal a decorrer na cidade. O auditório da ESA estava um pouco frio e vazio. Já lá vão grandes Amigos como a D. Lurdes Mota e seu marido..., como a D. Maria do Rosário, que lembramos com saudade; fossem vivos...! Esta obra é mais um desafio para que seja conhecido o Padre Américo e a sua forma tão peculiar de educar. Um bom instrumento de informação para educadores e outros agentes de serviço social junto dos mais desprotegidos. Que o Natal tenha trazido a todos os que partilham da nossa vida e preocupações um enorme desejo de contemplar com olhar puro e um coração cheio de amor Aquele Jesus que celebrámos no Natal.

Padre João

## SETÚBAL

## «Fazer de cada Rapaz um homem»

**P**AI Américo deixou-nos um grande testamento: «fazer de cada Rapaz um homem».

Se esta nunca foi tarefa fácil, hoje parece-nos demasiado pesada.

Para o mundo ocidental, não será tão difícil quanto isso: dar-lhes o pão, a saúde, a preparação profissional e os bens para a vida.

Mas o homem é também, para além disso, um ser dotado de inteligência, capaz de uma vida espiritual que, ao ser autêntica, o relaciona com os elementos do mundo como seu senhor.

Neste mundo ocidental, com muita facilidade o homem se deixa escravizar

pelos coisas materiais, embotando-se-lhe o espírito que é o seu maior dote.

Nós estamos fora do mundo e, por isso, sofremos-lhe as influências e os efeitos. Mais, sempre este se quer apresentar como modelo e como um bem, com o qual nos devemos configurar.

Por isso é sempre tarefa pesada e árdua mantermo-nos atentos e sempre capazes de denunciar os perigos da contaminação do mundo.

O homem tem perdido muitas qualidades nas últimas décadas, naquilo que o distingue dos outros seres criados. Significa que está mais escravo e

menos livre, esta a sua qualidade fundamental — um ser para a liberdade.

Podem as aparências esconder uma realidade contrária àquilo que aparece ao olhar — os sepulcros caiados; por fora alvos como a neve e por dentro cheios de rapina e malvadez.

É a esta aparência que o mundo dá valor, depreciando aquilo que o pode fazer rico — a abundância que brota das fontes da vida interior, vida do espírito. O homem só o é, quando conduzido pelos dinamismos dessa vida.

Tolhido que esteja, resta-lhe escutar a voz que clama no deserto e seguir Aquele que o reconduzirá às fontes da vida. Esta, só a terá na liberdade.

Fazer hoje de cada Rapaz um homem, é, antes de tudo, apontar-lhe caminhos de liberdade e ajudá-lo a entrar por eles, certos da verdade: o espírito é que dá a vida; a carne não serve para nada.

Padre Júlio